

## Sermão da Primeira Domingo do Advento (1655) PADRE ANTÓNIO VIEIRA

Texto-fonte:

Sermões, col. Obras Imortais da Nossa Literatura,  
Editora Três, Rio de Janeiro, 1974.

Edição eletrônica:

Karina Beatriz Espíndola

Cælum et terra transibunt;

Verba autem mea non transibunt.

Luc., XXI.

### I

Passará o céu e a terra, mas o que dizem as minhas palavras não passará. Com esta notável, e não usada sentença conclui Cristo Redentor nosso, a narração do Evangelho que acabamos de ouvir. Diz que há de vir julgar e pedir conta ao mundo no último dia dele: e porque antes de o mundo ser julgado há de ser abrasado primeiro, e convertido em cinzas; sobre o incêndio, que o há de consumir, cai a primeira parte da conclusão: Cælum et terra transibunt; e sobre a conta que depois promete há de tomar a todo o gênero humano, cai a segunda: Verba autem mea non transibunt. Estes são os dois maiores portentos, que no teatro universal do Juízo verão naquele dia homens e anjos. Ali se verá o princípio do mundo junto com o fim, e o fim junto com o princípio: o princípio com o fim, em tudo o que passou, e o fim com o princípio, em tudo o que não há de passar. Parece dificultosa esta união em tanta distância de séculos; mas esse é, e será um dos maiores milagres daquele dia, porque tudo o que passou, e deixou de ser, e desapareceu com o tempo, como se não tivera passado, ou tornara a ser de novo, há de aparecer com a conta. Se olharmos para todas as coisas quantas houve, há, e há de haver no mundo, então se verá, que todas passaram, transibunt. Mas se olharmos para essas mesmas coisas, as quais como ressuscitada com o gênero humano hão de ser citadas com ele para aparecer em Juízo; então se verá também, e com maior assombro, que nenhuma delas passou, non transibunt. Estas duas verdades, pois, cuja fé o mesmo Supremo Juiz com tanta expressão nos ratifica; estes dois desenganos, a que tão mal nos persuadimos os mortais enquanto vivemos; e estas duas considerações do que passou e do que não há de passar, transibunt et non transibunt, serão hoje os dois pólos, ou pontos do meu discurso. No primeiro, que tudo passa para a vida: no segundo, que nada passa para a conta. Em dia tão grande não pode o sermão ser breve. Aos ouvintes não peço atenção, mas paciência. Deus, a quem tomo por testemunha de que procurei não lhe dar conta do que hoje disser, se sirva de nos assistir a todos com sua graça em matéria que tanto toca a todos.

### II

Tudo passa, e nada passa. Tudo passa para a vida, e nada para a conta. A verdade e desengano de que tudo passa (que é o nosso primeiro ponto) posto que seja por uma parte tão evidente, e que parece não há mister prova., é por outra tão dificultoso, que nenhuma evidência basta para o persuadir. Lede os filósofos, lede os profetas, lede os apóstolos, lede os santos padres, e vereis como todos empregaram a pena, e não uma senão muitas vezes, e com todas as forças da eloquência, na declaração deste desengano, posto por si mesmo tão claro.

Sabiamente falou quem disse que a perfeição não consiste nos verbos, senão nos advérbios: não em que as nossas obras sejam honestas e boas, senão em que sejam bem feitas. E para que esta condicional tão importante se estendesse também às coisas naturais e indiferentes, inventou o apóstolo S. Paulo um notável advérbio. E qual foi? Tanquam non, como senão: Ut qui habent uxores, tanquam non habentes sint: et qui flent, tanquam non flentes: et qui gaudent, tanquam non gaudentes: et qui emunt, tanquam non possidentes: et qui utuntur hoc mundo, tanquam non utantur. Sois casado?

(diz o apóstolo) pois empregai todo o vosso cuidado em Deus, como se o não fôreis. Tendes ocasiões de tristezas? pois chorai, como se não choráreis. Não são de tristeza, senão de gosto? pois alegrai-vos, como se não vos alegráreis. Comprastes o que havíeis mister, ou desejáveis? pois possuí-o, como se não possuíreis. Finalmente usais de alguma outra coisa deste mundo? pois usai dela, como se não usáreis. De sorte que quanto há, ou pode haver neste mundo, por mais que nos toque no amor, na utilidade, no gosto, a tudo quer S. Paulo que acrescentemos um, como se não, tanquam non. Como se não houvera tal coisa, como se não fora nossa, como se não nos pertencera. E por quê? Vede a razão: Præterit enim figura hujus mundi (3) . Porque nenhuma coisa deste mundo pára, ou permanece; todas passam. E como todas passam e são como se não foram, assim é bem que nós usemos delas, como se não usáramos: Tanquam non utantur. Por isso a essas mesmas coisas não lhes chamou o oráculo do terceiro céu coisas, senão aparências, e ao mundo não lhe chamou mundo, senão figura do mundo: Præterit enim figura hujus mundi.

Considerai-me o mundo desde seus princípios, e vêlo-eis sempre, como nova figura no teatro, aparecendo e desaparecendo juntamente, porque sempre está passando. A primeira cena deste teatro foi o paraíso terreal, no qual apareceu o mundo vestido de imortalidade, e cercado de delícias; mas quanto durou esta aparência? Estendeu Eva o braço à fruta vedada, e no brevíssimo espaço em que o bocado fatal passou pela garganta do homem, passou também com ele o mundo do estado da inocência ao da culpa, da imortalidade à morte, da pátria ao desterro, das flores aos espinhos, do descanso aos trabalhos, e da felicidade suma ao sumo da infelicidade e miséria. Oh miserável mundo, que se pararas assim, e te contentaras com comer o teu pão com o suor do teu rosto, foras menos miserável! Mas não serias mundo, se de uma miséria grande não passasses sempre, e por tua natural inclinação, a outra maior. Os homens naquela primeira infância do mundo todos vestiam de peles, todos eram de uma cor, todos falavam a mesma língua, todos guardavam a mesma lei. Mas não foi muita o tempo em que se conservaram na harmonia desta natural irmandade. Logo variaram e mudaram as peles com tanta diferença de trajos, que cada dia, dos pés à cabeça, aparecem com nova figura. Logo variaram e mudaram as línguas com tanta dissonância e confusão, como a da torre de Babel. Logo variaram e mudaram as cores com a diversidade das terras e climas, e com a mistura do sangue, posto que todo vermelho. Logo variaram e mudaram as leis, não com as de Platão, Sólon, ou Licurgo, mas com a do mais imperioso e violento legislador, que é o próprio alvedrio. Tudo mudaram, ou tudo se mudou, porque tudo passa.

As vidas naquele princípio costumavam ser de sete, de oito, de novecentos e quase de mil anos; e que brevemente se acabou este bom costume? Então o viver muitos séculos era natureza, hoje chegar, não a um século, mas perto dele, é milagre. Tardaram em passar até Noé, e também passaram. Com aquelas vidas não só cresciam os anos, senão também os corpos: e dos filhos de Deus, que eram os descendentes de Set, e das filhas dos homens, que eram as descendentes de Caim, nasceram os gigantes, de quem diz a Escritura: Erant gigantes super terram . Alguns ossos que ainda duram destes que o mesmo texto sagrado chama varões famosos, demonstraram pela simetria humana, que não podiam ser menos que de vinte, e mais côvados: e ainda na história das batalhas de Davi temos memória de outros quatro, posto que de muito menor estatura Mas, enfim, acabou a era dos gigantes; porque tudo nesta vida, e mais depressa o que é grande, acaba e passa.

Diminuídos os homens nos corpos e nas idades, quando tinham a morte mais perto da vista (quem tal crera! ) então cresceram mais na ambição e soberba. E sendo todos iguais e livres por natureza, houve alguns que entraram em pensamento de se fazer senhores dos outros por violência, e o conseguiram. O primeiro que se atreveu a pôr coroa na cabeça, foi Membroth, que também como o nome de Nino, ou Belo, deu princípio aos quatro impérios, ou monarquias do mundo. O primeiro foi o dos assírios e caldeus; e onde está o império caldaico? O segundo foi o dos persas; e onde está o império persiano? O terceiro foi o dos gregos; e onde está o império grego? O quarto, e maior de todos, foi o dos romanos; e onde está o império romano? Se alguma coisa permanece deste, é só o nome: todos passaram, porque tudo passa. Em três famosas visões representou Deus estes mesmos impérios a um rei, e a dois profetas. A primeira visão foi a Nabucodonosor na estátua de quatro metais; a segunda a Zacarias em quatro carroças de cavalos de diferentes cores; a terceira a Daniel em um conflito dos quatro ventos principais, que no meio do mar se davam batalha. Pois se todas estas visões eram de Deus e todas representavam os mesmos impérios, por que variou tanto a sabedoria divina as figuras, e sobre a primeira da estátua, tão clara e manifesta, acrescentou outras duas tão diversas em tudo?

Porque a estátua, na dureza dos metais de que era composta, e no mesmo nome de estátua, parece que representava estabilidade e firmeza: e porque nenhum daqueles impérios havia de preservar firme e estável, mas todos se haviam de mudar sucessivamente, e ir passando de umas nações a outras; por isso os tornou a representar na variedade das carroças na inconstância das rodas, e na carreira e velocidade dos cavalos. Mas não parou aqui a energia da representação, como não encarecida ainda bastantemente. A estátua estava de pé, e as carroças podiam estar paradas. E porque aqueles impérios correndo mais precipitadamente que a rédea solta, não haviam de parar no mesmo passo, nem por um só momento, e sempre se haviam de ir mudando, e passando; por isso, finalmente, os representou Deus na causa mais inquieta, mudável, e instável, quais são os ventos, e muito mais quando embravecidos e furiosos: *Et ecce quatuor venti cœli pugnabant in mari magno.*

### III

Enquanto passaram estes quatro impérios, que foi a terceira, quarta, quinta e sexta idade do mundo, entrando, também, pela sétima: quem haverá que possa compreender quanto passou no mesmo mundo? Quando começou o primeiro império, então começou também a idolatria, digno castigo do céu, que pois os homens se fizeram adorar, chegassem os mesmos a adorar paus e pedras. Os reis, porém, que eram, ou tinham sido os idólatras, canonizados depois pela adulação e lisonja, ou na vida, ou depois da morte, vinham também eles a ser ídolos. Assim Saturno, assim Júpiter, assim Mercúrio, assim Apolo, assim Marte, assim Vênus, assim Diana; e posto que todos estes deixaram os seus nomes gravados nas estrelas, elas permanecem, mas eles passaram. Passaram os ídolos, e também passaram os oráculos com que neles respondia o pai da mentira, porque ao som da verdade do Evangelho todos emudeceram.

Então começaram as guerras: e que direi dos exércitos inumeráveis, das batalhas campais e marítimas, das vitórias. e triunfos de umas nações, e da ruína, abatimento e servidão de outras, tão vária e alternada sempre? Só digo, que assim a glória e alegria dos vencedores, como a dor e afronta dos vencidos, tudo passou; porque tudo passa. O exército de Xerxes, que foi o maior que viu o mundo, constava de cinco mil naus, e cinco milhões de combatentes; e porque de uma e outra parte fez continente o Helesponto, e cavou e fez navegável o monte Ato, disse dele Marco Túlio, que caminhava os mares a pé, e navegava os montes: *Tantis classibus Xerxes in Grœciam transia, ut Hellesponto juncto. Athoque monte perfosso, maria ambularit, terramque navigarit maria pedibus peragrans, classibus montes.* Mas todo aquele intenso e formidável aparato, que visto fez tremer o mar e a terra, tão brevemente passou e desapareceu sendo desbaratado e vencido, que só ficou dele este dito. O mesmo Temístocles, que com muito desigual poder o desfez e pôs em fugida, também passou, como na Grécia e fora dela passaram todos os famosos capitães e suas vitórias. Passou Pirro, passou Miltrídates, passou Filipe de Macedônia: passaram Heitor e Aquiles, passaram Aníbal e Cipião, passaram Pompeu e Júlio César, passou o grande Alexandre, nome singular e sem parelha, e até Hércules, ou fosse um, ou muitos todos passaram, porque tudo passo.

Costumam às letras seguir-se as armas, porque tudo leva após si o maior poder; e assim floresceram variamente, em diversas partes no tempo destes impérios, todas as ciências e artes. Floresceu a filosofia, floresceu a matemática, floresceu a teologia, floresceu a astrologia, floresceu a medicina, floresceu a música, floresceu a oratória, floresceu a poética, floresceu a história, passou o a arquitetura, floresceu a pintura, floresceu a estatuária; mas assim como as flores se murcham e se secam, assim passaram todos os autores mais celebrados das mesmas ciências e artes. Na estatuária passou Fídias e Lisipo; na pintura passou Timantes e Apeles; na arquitetura passou Meliagenes e Demócrates; na música passou Orfeu e Amphion; na história, Tucídides e Lívio; na eloquência, Demóstenes e Túlio; na poética, Homero e Virgílio; na astrologia, Anaxágoras e Ptolomeu; na medicina, Esculápio e Hipócrates; na matemática, Euclides e Arquimedes; na filosofia, Platão e Aristóteles; na teologia, Mercúrio Trismegisto e Apolônio Tiâneo; e por junto em todas as ciências passaram no mesmo tempo os sete sábios da Grécia, porque, ou junto ou dividido, tudo passa. Só a ética e a moral, como tão necessárias ó, vida e à virtude, parece que não haviam de passar; mas os platônicos, os peripatéticos, os epicureus, os cínicos, os pitagóricos, os estóicos, os acadêmicos, eles, e suas escolas e seitas, todos passaram.

Nenhuma coisa é mais própria desta consideração em que vamos, que os jogos e espetáculos públicos,

que os homens inventaram a título de passatempo, como se o mesmo tempo não passara mais velozmente que tudo quanto passa. Uns jogos foram os circenses, outros os dionísios, outros os juvenais, outros os nemeus, outros os maratoneus, todos cheios de diferentes divertimentos, em que, ou se perdia a honestidade, como nos de Vênus; ou o Juízo, como nos de Baco; mas nenhuns mais indigno dos olhos humanos e piedade natural, que os gladiatórios. Saía toda Roma ao anfiteatro, a quê? a ver e festejar como se matavam homens a homens; saíam uns, e sobrevinham outros, e outros, sem estar o posto vago um só momento, aclamando a cabeça do mundo, com aplausos mais carniceros que cruéis, assim no dar, como no receber das feridas, tanto a intrepidez dos mortos, como a fúria dos matadores. Os jogos seculares se chamavam assim, porque se celebravam uma só vez de século a século; e dizia o pregão público que convidava para eles: Venite ad ludos, quos nemo vidit unquam, nec visurus est: Vinde ver os jogos, que ninguém viu, nem há de tornar a ver. E com este desengano da vida passada e desesperação da futura, os iam todos ver, e se chamavam jogos. Os olímpicos foram os mais célebres e famosos de todos, em que de cinco em cinco anos, concorria todo o mundo a uma cidade do mesmo nome, ou levar, ou ver quem levava uma coroa de louro. Por estes jogos, mais que pelo curso do sol, se contavam e distinguiam os anos. Mas como toda a competência era a correr, e o que mais corria era o que triunfava, não podiam deixar de passar as Olimpíadas, como passaram todos os outros jogos daqueles tempos, ou todos os passatempos daqueles jogos. Só uma coisa há que não pode passar, porque o que nunca foi, não pode deixar de ser, e tais parece que foram as fábulas que neste mesmo tempo se inventaram e fingiram. Mas se elas não passaram em si mesmas, passaram naqueles casos e coisas que deram ocasiões a se fingirem. Na seca universal que abrasou todo o mundo, passou a fábula de Faetonte: no dilúvio particular que inundou grande parte dele, passou a fábula de Deucalion; no estudo com que el-rei Atlante contemplava o curso e movimento das estrelas, passou a fábula de trazer o céu aos ombros; na especulação contínua de todas as noites, com que Endimion observava os efeitos do planeta mais vizinho à Terra, passou a fábula dos seus amores com a Lua. E porque também os nossos vícios, a nossa fraca virtude, e a nossa mesma vida passam como fábula; o amor e complacência de nós mesmos passou na fábula de Narciso; a riqueza sem juízo, na fábula de Midas; a cobiça insaciável, na fábula de Tântalo; a inveja do bem alheio, na fábula e abutre de Tício; a inconstância da fortuna mais alta, na fábula e roda de Ixion; o perigo de acertar com o meio da virtude, e não declinar aos vícios dos extremos, na fábula de Cila e Caribde; e finalmente a certeza da morte, a incerteza da vida, pendente sempre de um fio, passou e está continuamente passando na fábula das Parcas. Assim envolveram e misturaram os sábios daquele tempo o que há com o que não há, e o certo com o fabuloso; para que nem o louvor nos desvaneça, nem a calúnia nos desanime, pois o verdadeiro e o falso, a verdade e a mentira, tudo passa.

Mas não é justo que nesta passagem de tudo o que passou no tempo dos quatro impérios profanos do mundo, passemos nós em silêncio aquela república sagrada, que alcançou a todos quatro, e por ser fundada por Deus, parece que tinha direito a não passar. Nasceu a república hebréia no cativoiro do Egito; e quem então lhe levantasse figura, facilmente lhe podia prognosticar os três cativoiros e transmigrações com que foi arrancada da pátria. Uma vez cativa por Salmanasar, em que passou desterrada aos assírios; outra vez cativa por Nabucodonosor, em que passou desterrada aos babilônios; e a terceira e última vez cativa por Tito e Vespasiano, em que passou desterrada a todas as terras e nações do mundo. Começou no famoso triunvirato de Abraão, Isaac, e Jacó, tantas vezes nomeado e honrado por boca do mesmo Deus; mas nem por isso deixaram de passar todos três. Sucedeu-lhe José, o que sonhou as suas felicidades e as adorações de seu pai e irmãos; e posto que todas se cumpriram, todas passaram como se foram sonho. Teve o mesmo povo três estados de governo: o dos juizes, o dos reis, o dos capitães; e se bem subindo e descendo, as varas se trocaram com os cetros, e os cetros com os bastões, nenhum daqueles estados foi estável, todos passaram. Nos juizes passou a espada de Gedeão, o arado de Sangar, e a queixada de Sansão. Nos reis passou a valentia de Davi, a sabedoria de Salomão, e a piedade e religião de Josias. Nos capitães passou o braço invencível de Judas Macabeu, vencedor de tantas batalhas; passou a façanha imortal de Eleazar, que metendo-se debaixo do elefante, cavou a sua própria sepultura: e passou mais gloriosa que todos o honrado e glorioso testamento do velho Matias, digno de ser escrito em branzas. E porque não fiquem totalmente em silêncio as heroínas da mesma nação, quatro houve nela insignes na formosura: Sara, Raquel, Ester e Judite, todas porém fatais a quem as amou. Sara a um peregrino com perigos;

Raquel a um pastor com trabalhos; Ester a um rei com desgostos; e Judite a um general com a morte. Este acabou miseravelmente a vida; mas as formosuras antes de se acabarem as vidas, já tinham passado. Floresceram no mesmo povo, além de outros igualmente verdadeiros, dezesseis profetas canônicos, quatro maiores, e doze menores; mas em espaço de três séculos os maiores e menores, desde Oséias a Malaquias, todos passaram: Passaram os milagres da vara, passaram os da serpente de metal, passaram os de Elias e Eliseu: e porque só faltava passar a lei de Moisés, e o sacerdócio de Arão, a lei e o sacerdócio também passaram, porque tudo passa.

Agora quisera eu perguntar ao mundo, se como me enche a memória de tantas coisas, que todas passaram, me mostrará alguma aos olhos que não passasse? As sete fábricas a que a fama deu o nome de maravilhas, acrescentaram alguns como oitava o anfiteatro romano. Mas a maravilha oitava, ou nona, é que todas essas maravilhas, que pareciam eternas, passaram. A primeira maravilha foram as pirâmides do Egito, a segunda os muros de Babilônia, a terceira a torre de Faros, a quarta o colosso de Rodes, a quinta o mausoléu de Cária, a sexta o Templo de Diana Efesina, a sétima o simulacro de Júpiter Olímpico. E deixando o anfiteatro, de que só se vêem as ruínas, as pirâmides caíram, os muros arrasaram-se, o colosso desfez-se, o mausoléu sepultou-se, a torre sumiu-se, o farol apagou-se, o templo ardeu, e o simulacro como simulacro, desvaneceu-se em si mesmo. Tem mais que dizer, ou que opor o mundo? Só pode apelar para as mais fortes e bem fundadas cidades, cortes e metrópoles dos mais poderosos impérios: argumento verdadeiramente de grande boato, antes de se lhe tomar o peso. Nínive, corte de Nino, foi a maior cidade do mundo: andava-se de porta a porta, não menos que em três dias de caminho; edificada de propósito com arrogância de que nenhuma outra a igualasse, como não igualou. Mas onde está essa Nínive? Ecbátana, corte de Arfaxad, e cidade que o texto sagrado chama potentíssima, era cercada de sete ordens de muros, todos de pedras quadradas, cada uma com vinte e sete palmos por todas as faces, e as portas com a prodigiosa. altura de cem côvados. Mas onde está essa Ecbátana? Susa, corte de Assuero, e metrópole de cento e vinte e sete Províncias, cujo palácio representava um céu estrelado, fundado sobre colunas de ouro e pedras preciosas, e cujos muros eram de mármore brancos e jaspes de diferentes cores; bem se deixa ver quão forte e inexpugnável seria, pois defendia tão grande monarca, dominava tantos reinos e guardava tantos tesouros. Mas onde está essa Suas? Se houvéssemos de fazer a mesma pergunta às ruínas de Tebas, de Memphis, de Bactra, de Cartago, de Corinto, de Sebaste, e da mais conhecida de todas, Jerusalém, necessário seria dar volta a toda a redondeza da Terra. De Tróia disse Ovídio: Jam seges est ubi Troia fuit .E o mesmo podemos dizer das planícies, vales e montes, donde se levantavam às nuvens aqueles vastíssimos corpos de casas, muralhas e torres. De umas se não sabem os lugares onde estiveram; doutras se lavram, semeiam, e plantam os mesmos lugares, sem mais vestígios de haverem sido, que os que encontram os arados, quando rompem a terra. Para que os homens compostos de carne e sangue se não queixem da brevidade da vida, pois também as pedras morrem; e para que ninguém se atreva a negar, que tudo quanto houve, passou, e tudo quanto é, passa.

#### IV

A razão deste curso, ou precipício geral com que tudo passa, não é uma só, senão duas: uma contrária a toda a estabilidade, e outra repugnante ao mesmo ser. E quais são? O tempo, e antes do tempo, o nada. Que coisa mais veloz, mais fugitiva, e mais instável que o tempo? Tão instável, que nenhum poder, nem ainda o divino 0 pode parar. Por isso os quatro animais, que tiravam pela carroça da glória de Deus neste mundo, não tinham rédeas. Descreveu o Tempo no palácio do Sol o mais engenhoso de todos os poetas, e dividindo-o em suas partes, disse assim elegantemente:

A dextra, lævaque dies, et mensis, et annus,  
Sæculaque et positæ spatiis aqualibus horæ:  
Verque novum stabat cinctum florente corona;  
Stabat nuda oestas, et spicea sarta gerebat  
Stabat et Autumnus calcatis sodidus uvis;  
Et glacialis Hyems canis hirsuta capillis.

Elegantemente, torno a dizer, mas falsa e impropriamente. Aquele stabat tantas vezes repetido, é o que tirou toda a semelhança de verdade à engenhosa pintura. Porque nem a primavera com as suas flores, nem o estio com as suas espigas, nem o outono com os seus frutos, nem o inverno com os seus

frios e neves, por mais tolhido e entorpecido que pareça, podem estar parados um momento. Passam as horas, passam os dias, passam os anos, passam os séculos, e se houvesse hieroglífico com que se pudessem pintar, haviam de ser todos com asas, não só correndo e fugindo, mas voando e desaparecendo. Nem escusa esta impropriedade estar o Sol assentado: *Sedebat in solio Pœbus* ; porque o Sol pode parar, como no tempo de Josué, ou tornar atrás, como no tempo de Ezequias; mas o tempo em nenhum tempo, pode deixar de ir por diante sempre, e com a mesma velocidade. Bem emendou esta sua impropriedade o mesmo poeta, quando depois disse:

*Ipsa quoque assiduo labuntur motu*

*Non secus ac flumen, neque enim consistere flumen*

*Aut levis hora potest.*

E como o tempo não tem, nem pode ter consistência alguma, e todas as coisas desde seu princípio nasceram juntamente com o tempo, por isso nem ele, nem elas podem parar um momento, mas com perpétuo moto, e revolução insuperável passar, e ir passando sempre.

A segunda razão ainda é mais natural e mais forte: o nada. Todas as coisas se resolvem naturalmente, e vão buscar com todo o peso o ímpeto da natureza, o princípio donde nasceram. O homem porque foi formado da terra, ainda que seja como dispêndio da própria vida, e suma repugnância da vontade, sempre vai buscar a terra, e só descansa na sepultura. Os rios esquecidos da doçura de suas águas, posto que as do mar sejam amargosas, como todos nasceram do mar, todos vão buscar o mesmo mar, e só nele se desafogam, e param como em seu centro. Assim todas as coisas deste mundo, por grandes e estáveis que pareçam, tirou-as Deus com o mesmo mundo do não ser ao ser; e como Deus as criou do nada, todas correm precipitadamente, e sem que ninguém lhes possa ter mão, ao mesmo nada de que foram criadas. Vistes a torrente formada da tempestade súbita, como se despenha impetuosa, e com ruído; e tanto que cessou a chuva, também ela se secou, e sumiu subitamente, e tornou a ser o nada que dantes era? Pois assim é tudo, e somos todos, diz Davi: *Ad nihilum devenient tanquam aqua decurrens*. Sonhastes no último quarto da noite, quando as representações da fantasia são menos confusas, que possuíeis grandes riquezas, que gozáveis grandes delícias, e que estáveis levantado a grandes dignidades; e quando depois acordastes, vistes com os olhos abertos, que tudo era nada? Pois assim passam a ser nada em um abrir de olhos todas as aparências deste mundo, diz o mesmo profeta: *Velut somnium surgentium, Domine, imaginem ipsorum ad nihilum rediges*. De sorte que estas são as duas razões por que todas as coisas passam. Passam, porque voam com o tempo, e passam, porque vão caminhando para o nada donde saíram. Por isso, como disse o Espírito Santo, quando umas passaram, ou têm passado; é necessário que venham outras para também passar: *Generatio praeterit, et generatio advenit: terra autem in oeternum stat*.

Mas se bem se repara nesta mesma sentença, sendo tão poucas as suas palavras, assim como umas confirmam assim outras parece que impugnam, e destroem quanto vínhamos dizendo. Porque se a Terra está sempre firme, e estável: *terra autem in aeternum stat*; segue-se que ao menos a mesma Terra não passa, e que há no mundo alguma coisa, que não passe. Concederemos pois esta exceção ao nosso assunto, e diremos que passam as figuras, como diz S. Paulo, mas que a Terra, que é o teatro, não passa? Não digo, nem concedo tal. A Terra toda não passa, mas passam, e sempre estão passando todas as partes dela. A Terra compõe-se de reinos, os reinos compõem-se de cidades, as cidades compõem-se de casas e campos, e principalmente de homens, e tudo isto, que tudo é terra (e toda a Terra) perpetuamente está passando. Daniel revelando a Nabucodonosor a inteligência da sua estátua, disse que Deus muda os tempos, e as idades, e conforme elas passa os reinos de uma parte para outra: *Ipsa mutat tempora, et aetates: transfert regna, atque constituit* ). Assim passou o reino do mesmo Nabuco para a Pérsia, o dos persas para a Grécia, o dos gregos para Roma, e dos romanos para tantos outros, quantos hoje coroa outras cabeças, as quais se devem lembrar daquela infalível sentença: *Regnum a gente in gentem transfertur propter injustitias*. O nosso reino não sendo no sítio original dos maiores, quantas vezes passou a outras gentes? Passou aos suevos, passou aos álanos, passou aos cartagineses, passou aos romanos, passou aos árabes e sarracenos e, dentro da mesma Espanha, também passou, e tornou a passar. Os terremotos, que se geram do ar violentado nas entranhas da Terra, são muito raros, mas os que se fazem na superfície dela, sempre a trazem em perpétuo movimento.

E se os grandes reinos e impérios não são estáveis, e passam; que serão as cidades particulares, para que não é necessário, que a roda da fortuna dê toda a volta? Não falo daquelas que acabaram como de

morte súbita, abrasadas até à última cinza no incêndio de uma noite, como Tróia e Lugduno. Desta disse judiciosamente Sêneca: Quando una nox fuit inter urbem maximam, et nullam, nihil privatim, nihil publice stabile est: tam hominum, quam urbium fata voluntur. Deixadas pois estas, que subitamente passaram do ser ao não ser; só falo das que por seus passos contados vieram de um domínio a outro domínio. E quantas vezes as pombas de Babilônia, quantas os leões de Jerusalém, quantas as águias de Roma e de Constantinopla viram sobre suas muralhas outras bandeiras? O maior teatro de Marte no nosso século, e porventura, que em nenhum outro, foram as guerras béglicas; e na grande Província de Holanda, exceta Dorth, por isso chamada a Virgem, nenhuma cidade houve, que não fosse conquistada e alternasse o domínio. Que direi dos confins sempre incertos, e tão freqüentemente mudados, de Espanha com França, de França com Germânia, de Germânia com a Turquia, e da Turquia com Itália? Anos há, que a antiga Creta, hoje Cândia, sem ser das ilhas errantes do arquipélago, tem posto em dúvida o mundo para onde há de ir, e se há de reconhecer as cruces, ou as meias-luas.

E quanto às casas, membros menores de que se compõem innumeravelmente as cidades; quem poderá compreender o inextricável labirinto, com que, à maneira de peixes do mar, se andam sempre movendo, e passando de um dono para outro dono? Ouçam a familiar evidência com que o grande juízo de Santo Agostinho demonstrou a um deles esta perpétua instabilidade. Introduz um rico, que, jactancioso de ser senhor da sua casa, dizia: Domum meam habeo; e pergunta-lhe o santo assim: Quam domum tuam? Quam Pater meus mihi dimisit. Et unde ille habuit? Avus noster illam reliquit. Recurre ad Proavum, inde ad Abavum et jam nomina nan potes dicere. Pater tuus hic eam dimisit transivit per illam, sic et tu transibis. Esta casa de que vos jactais ser senhor, por que é vossa? Porque a herdei de meu pai; e vosso pai de quem a houve? De meu avô; e de quem a houve vosso avô? De meu bisavô; e vosso bisavô de quem? De meu trisavô. Já não tendes palavras com que prosseguir de quem mais foi, e a quem mais passou essa casa, que chamais vossa. Pois assim como ela passou, e, vossas antepassados passaram por ela, assim ela e vós também haveis de passar. Por este modo sem firmeza, nem estabilidade alguma, estão sempre passando neste mundo as casas, as quintas, as herdades, os morgados: uns, porque os faz passar a morte, outros, porque os manda passar a justiça, outros, porque os convida a passar a riqueza dos que os compram, outros, porque os obriga á necessidade dos que os vendem, outros, porque a força e poder os rouba e senhoreia por violência: em suma, que não há pedra, nem telha, nem planta, nem raiz, nem palmo de terra na Terra, que não esteja sempre passando, porque tudo passa.

## V

Deste tudo que está sempre passando, é o homem não só a parte principal, mas verdadeiramente o tudo do mesmo tudo. E vendo o homem com os olhos abertos e, ainda os cegos, como tudo passa, só nós vivemos como se não passáramos. Somos como os que navegando com vento e maré, e correndo velocissimamente pelo Tejo acima, se olham fixamente para a terra, parece-lhes que os montes, as torres, e a cidade é a que passa; e os que passam, são eles. É o que disse o poeta: Montes, urbesque recedunt. Mas demos volta a esta mesma comparação, e veremos na Terra outro gênero de engano ainda maior. A maior ostentação de grandeza e majestade que se viu neste mundo, e uma das três que Santo Agostinho desejara ver foi a pompa e magnificência dos triunfos romanos. Entravam por uma das portas da cidade, naquele tempo vastíssimo, encaminhados longamente ao Capitólio: precediam os soldados vencedores com aclamações: seguiam-se, representadas ao natural, as cidades vencidas, as montanhas inacessíveis escaladas, os rios caudalosos vadeados com pontes: as fortalezas e armas dos inimigos, e as máquinas com que foram expugnadas: em grande número de carros os despojos e riquezas, e todo o raro e admirável das regiões novamente sujeitas: depois de tudo isto a multidão dos cativos, e talvez os mesmos reis manietados; e por fim em carroça de ouro e pedraria, tirada por elefantes, tigres, ou leões domados, o famoso triunfador, ouvindo a espaços aquele glorioso e temeroso pregão: Memento te esse mortalem. Enquanto esta grande procissão (que assim lhe chama Sêneca) caminhava, estavam as ruas, as praças, as janelas e os palanques, que para este fim se faziam, cobertos de infinita gente, todos a ver. E se Diógenes então perguntasse, quais eram os que passavam,

se os do triunfo, se os que o estavam vendo, não há dúvida, que pareceria a pergunta digna de riso. Mas o certo é que tanto os da procissão e do triunfo, como os que das janelas e palanques os estavam vendo, uns e outros igualmente passavam, porque a vida e o tempo nunca param: e ou indo, ou estando ou caminhando ou parados, todos sempre com igual velocidade passamos.

Declarou esta verdade tão mal advertida com uma semelhança muito própria Santo Ambrósio elegantemente: *Et si non videmur ire corporaliter, progredimus. Nam sicut in navibus dormientes ventis aguntur ir portus; sic vitae nostroe spatio defluente, ad proprium unusquisque finem, cursu labente deducimur. Tu enim dormis, et tempus tuum ambulat. Todos vamos embarcados na mesma nau, que é a vida, e todos navegamos com o mesmo vento, que é o tempo; e assim como na nau uns governam o leme, outros mareiam as velas; uns vigiam, outros dormem; uns passeiam, outros estão assentados; uns cantam, outros jogam, outros comem, outros nenhuma coisa fazem, e todos igualmente caminham ao mesmo porto; assim nós, ainda que o não pareça, insensivelmente vamos passando sempre, e avizinhandose cada um ao seu fim; porque tu, conclui Ambrósio, dormes, e o teu tempo anda: Tu dormis, et tempus tuum ambulat. Disse pouco em dizer que o tempo anda, porque corre e voa; mas advertiu bem em notar que nós dormimos; porque tendo os olhos abertos para ver que tudo passa, só para considerar que nós também passamos, parece que os temos fechados.*

Dito foi do grande filósofo Heráclito, alegado e celebrado por Sócrates: *Non posse quenquam bis in eumden fluvium descendere: que nenhum homem podia entrar duas vezes em um rio: e por quê? Porque quando entrasse a segunda vez, já o rio, que sempre corre e passa, é outro. E daqui infiro eu, que o mesmo sucederia se não fosse rio, senão lago ou tanque aquele em que o homem entrasse; porque ainda que a água do lago e do tanque não corre, nem se muda, corre porém, e sempre se está mudando o homem, que nunca permanece no mesmo estado: Et nunquam in eodem statu permanet: Assim o disse Jó, e quem o não disser assim de todo o homem, e de si mesmo, não se conhece.*

Admira-se Philo Hebreu, de que perguntando Deus a Adão onde estava: *Adam, ubi es?* ele não respondesse. Mas logo escusa ao mesmo Adão, e a qualquer outro homem a quem Deus fizesse a mesma pergunta; porque, como pode responder onde está, quem não está? Se dissera, estou aqui (como sutilmente arguiu Santo Agostinho) entre a primeira sílaba e a segunda já o estou não seria estou, nem o aqui seria o mesmo lugar; porque como tudo está passando, tudo se teria mudado. Por isso conclui o mesmo Philo, que se Adão houvesse de responder própria e verdadeiramente onde estava, haveria de dizer: *nusquam, em nenhuma parte; porque em nenhuma parte está aquilo que nunca está, mas sempre passa: Ad quod proprie respondere poterat, nusquam: eo quod humana res nunquam in eodem statu maneat*

Considerando este contínuo passar do homem (não fora de si, senão onde verdadeiramente parecer que está e permanece, que é dentro em si mesmo) diziam os sábios da Grécia, como refere Eusébio Cesariense, que todo o homem que chega a ser velho, morre seis vezes. E como? Passando da infância à puerícia, morre a infância; passando da puerícia à adolescência, morre a puerícia; passando da adolescência à juventude morre a adolescência; passando da juventude a idade do varão morre a juventude; passando da idade de varão à velhice, morre a idade de varão; e, finalmente, acabando de viver por tanta continuação e sucessão de morte, com a última, que só chamamos morte, morre a velhice. Assim o consideravam aqueles sábios, mais larga e menos sabiamente do que deveram, aos quais por isso emendou S. Paulo, dizendo que morria todos os dias: *Quotidie morior. E já pode ser que da comunicação que Sêneca teve com S. Paulo, ensinou ele esta mesma lição ao seu discípulo, quando lhe diz: Singulus dies, singulas vitas puta. Se o Sol, que sempre é o mesmo, todos os dias tem um novo nascimento, e um novo ocaso, quanto mais o homem por sua natural inconstância tão mudável, que nenhum é hoje o que foi ontem, nem há de ser amanhã o que é hoje! Desenganemo-nos pois todos, e diga, ou diga-se cada um com el-rei Ezequias: De mane usque ad vesperam finies me. E seja o última conclusão deste largo discurso; que então definiremos bem e conheceremos o que é esta vida e este mundo, quando entendermos que não só estamos nele em perpétua passagem, mas em perpétuo passamento.*

## VI

Assim passamos todos, e assim passa tudo para a vida; desengano verdadeiramente não só triste, mas tristíssimo, se este superlativo e outros de maior horror não foram mais devidos ao que, e depois de



tudo passar, se segue. Depois da vida segue-se a conta; e sendo a conta que se há de dar, de tudo o que se passou na vida; tristíssima e terrívelíssima consideração é que, passando tudo para a vida, nada passe para a conta. O que faz, e há de fazer dificultosa a conta são os pecados da vida, e de toda a vida. E que confusão será naquele dia tão cheio de horror e assombro, olhar para a vida, e para os pecados de toda ela, e ver que a vida passou e os pecados não passaram!

Desse passar e não passar, não só temos os documentos da Escritura, mas grandes e manifestos exemplos da mesma natureza. Cristo, Redentor e Juiz universal nosso, comparou o dia do Juízo a uma rede lançada no mar: *Sagenoe missae in mare*. O mar é este mundo; a rede é a compreensão da ciência e justiça divina; os que nela andam nadando já presos, ou com maior ou menor larqueza, são todos os homens. E assim como na rede, quando a malha é muito estreita, só a água pode passar e nenhuma outra coisa; assim passa somente por ela a vida, e tudo o mais (que são os pecados) fica dentro, e nada passa. Oh quão apertada e estreita é esta malha de rede de Deus; e quão fácil de passar, ainda por ela, a vida, que, como água, sempre está passando! *Omnes morimur, et quasi aqua dilabimur*. O mesmo Cristo comparou este passar e não passar ao crivo, quando disse a seus discípulos: *Satanás expetivit vos ut cribraret sicut triticum*. Assim como no crivo (diz S. João Crisóstomo, comentando estas palavras), assim como no crivo dando uma e muitas voltas passa o grão, e só fica a palha, assim neste mundo (que é todo furado) com a volta que dão os dias e os anos, passa a vida e os gostos dela: *Et in novíssimo nihil remanet, nisi solum peccatum*, e no fim, e para o fim só fica o pecado. De outro crivo fala Davi, que é o das nuvens, por onde se coa a água da chuva, o qual mais altamente nos inculca este mesmo documento: *Cribrans aquas de nubibus coelorum*. Desce a nuvem como esponja a beber no mar, e sendo a água do mar salgada e amargosa, passada porém pela nuvem, o que lá fica é o amargoso, e o que cá desce, o doce. Por isso com grande propriedade este passar e não passar se compara na nuvem ao crivo, e na vida e na conta à nuvem. O que passa por ela e cá logramos, é o doce da vida; o que fica lá em cima e não vemos, é o amargoso da conta. Não podia Jó faltar a enobrecer este mesmo assunto, como tão próprio das suas experiências, com alguma semelhança que mais ainda no-lo declare. Diz que observou Deus todos os seus caminhos, e considerou as pegadas dos seus pés: *Observasti omnes semitas meas, et vestigia pedum meorum considerasti*. E por que considera Deus não os passos, senão as pegadas? Porque os passos passam, as pegadas ficam; os passos pertencem à vida que passou, as pegadas à conta, que não passa. Mas que diferentemente não passa Deus pelo que nós tão facilmente passamos! Nós deixamos as pegadas detrás das costas, e Deus tem-nas sempre diante dos olhos, com que as nota e observa: as pegadas para nós apagam-se, como formadas em pó, para Deus não se apagam, como gravadas em diamante. Tal é a consideração dos pecados, que na nossa memória logo se perde, e na ciência divina sempre está presente. O Setenta, em lugar de pegadas, trasladaram raízes: *Et radices pedum meorum considerasti*. Assim como os pés se chamam plantas, assim às pegadas lhes quadra bem o nome de raízes. E por que deu este nome Jó às pegadas dos seus passos? Não só porque os passos passam, e as pegadas ficam; mas porque ficam como raízes fundas e firmes, e que sempre permanecem. As pegadas estão manifestas e vêem-se; as raízes estão escondidas e não se vêem: e assim tem Deus guardados invisivelmente todos os nossos pecados, os quais no dia da conta rebentarão como raízes, e brotarão nos castigos, que pertencem à natureza de cada um. Isto é o que tanto cuidado dava a Jó.

Finalmente, o apóstolo S. Paulo, pregando contra os que abusam da paciência e benignidade de Deus, e em vez de se aproveitarem do espaço que lhes dá para a penitência, gastam a vida em acumular pecados sobre pecados: não vêes (diz), ó homem, que desprezas as riquezas do sofrimento e longanimidade divina, e que pelo contrário, segundo a dureza do teu coração, entesouras para ti a ira e vingança, que te espera no dia do Juízo? *An divitias bonitatis ejus, et patientiae et longanimitatis contemnis? Secundum autem duritiam tuam, et revelationis justi judicii Dei?* De maneira que ao pecar sobre pecar chama S. Paulo entesourar: *thesaurizas tibi*; porque ainda que a vida e os dias em que pecamos passam, os pecados que neles cometemos, não passam, mas ficam depositados nos tesouros da ira divina. Fala o apóstolo por boca do mesmo Deus, o qual diz no Deuteronomio: *Nonne hoc condita sunt apud me, et signata in thesauris meis? Mea est ultio, et ego retribuam in tempore*. Estes tesouros, pois, que agora estão cerrados, se abrirão a seu tempo, e se descobrirão para a conta no dia do Juízo, que isso quer dizer, *in die iree, et revelationis justi judicii Dei*. Considerai-me um homem rico, e que tem mais rendas cada ano do que há mister para se sustentar que faz este homem? Uma

parte do que tem gasta, e outra parte entesoura. Pois isto é o que fazemos todos. Todos gastamos, e todos entesouramos; todos gastamos o que passa, e todos entesouramos a que não passa; o que gastamos, é o da vida; o que entesouramos, o da conta.

Infinita matéria seria, se agora houvéramos de reduzir à prática uma e outra parte desta demonstração, e pô-las ambas em teatro. Mas por isso nos detivemos tanto no primeiro ponto do nosso discurso. Não vimos nele, desde o principio do mundo, como tudo passou? Não vimos, como todos os que em tantos séculos viveram, passaram? Pois esse tudo que então passou para a vida, é o nada que não passou para a conta; e esses todos que então morreram, e agora estão sepultados, são os que ressuscitados neste mesmo dia hão de aparecer vivos diante do tribunal divino, para dar essa conta estreitíssima de quanto fizeram, Neste tribunal viu S. João assentado sobre um trono de admirável majestade o Supremo Juiz, e com aspecto tão terrível, que afirma fugiu dele o céu e a terra: *Et vidi thronum magnum candidum, et sedentem super eum, a cujus conspectu fugit terra, et coelum*. Diz mais, que viu a todos os mortos, grandes e pequenos, em pé, como réus, diante do mesmo trono: *Et vidi mortuos magnos et pusillos stantes in conspectu throni*. E finalmente conclui, que então apareceram e se abriram um livro e muitos livros, e que pelo que estava escrito nestes livros foram julgados todos, cada um conforme suas obras: *Et libri aperti sunt; et alius liber apertus est, qui est vitae; et judicati sunt mortui ex his quoe scripta erant in libris secundum opera ipsorum*. Desta distinção que o evangelista faz de livro a livros, se vê claramente, que o livro era da vida, liber qui est vitae, e que os livros eram da conta, porque pelos livros foram julgados os mortos: *Et judicati sunt mortui ex his quoe scripta erant in libris*. Assim entendem literalmente estes textos como soam, Beda e outros padres. Mas por que razão o livro da vida, era livro, e os livros da conta, livros? Porque o livro da vida contém os dias da mesma vida, que são poucos, e os livros da conta contém os pecados cometidos nos mesmos dias, que são muitos. Assim que postos à vista no tremendo tribunal, de uma parte o livro, e, da outra os livros, então se verão juntas e concordes as duas combinações do nosso assunto: no livro, como tudo passa para a vida; nos livros, como nada passa para a conta.

## VII

Este nada, do qual dizemos que nada passa para a conta, é o que agora havemos de examinar. Pergunto: se nada passa para a conta, parece que também o nada pode ser chamado a Juízo? E se acaso for chamado, escapará da conta o nada por ser nada? Creio que todos estão dizendo que sim. Mas é certo, e de fé, que também o nada, por mais qualificado que seja, há de ser chamado a Juízo, e porque nada passa para a conta, nem o mesmo nada há de passar sem ela, e mui rigorosa. Ninguém foi mais qualificado na lei da natureza que Jó, e ninguém mais qualificado na lei da graça que S. Paulo: e que dizia de si um e outro? Jó dizia que nada tinha feito contra Deus: *Quia nihil impium fecerim*. S. Paulo dizia que nada havia na sua consciência, de que ela o acusasse: *Nihil mihi conscius sum*. E este nada de Jó, e este nada de S. Paulo escaparam porventura da conta e do Juízo? Eles mesmos confessam, que de nenhum modo. Jó dizia que Deus o tinha posto a questão de tormento, como réu, para averiguar se o que ele tinha por nada, verdadeiramente era nada: *Ut queras iniquitatem meam, ei peccatum meum scruteris, et scias, quia nihil impium fecerim*. E S. Paulo dizia, que ele se não dava por justificado do que na sua consciência reputava por nada, porque desse nada não havia ele de ser o juiz, senão Deus: *Nihil mihi conscius sum, sed non in hoc justificatus sum; qui autem judicat me, Dominus est*. Eis aqui quão manifesta e provada verdade é, que nada passa para a conta, pois até do mesmo nada a há de tomar Deus, e tão estreita.

Mas qual é, ou pode ser a razão por que onde dois homens tão grandes, tão qualificados e tão santos, como Jó e S. Paulo, não reconhecem nada de culpa, lha haja, de argüir Deus, e pedir-lhes conta? A primeira razão e da parte de Deus (a qual só pode ignorar quem o não conhece) é, porque ainda nas coisas mais interiores nossas, conhece Deus muito mais de nós, do que nós de nós. Quando Cristo na mesa da última Ceia revelou aos apóstolos, que um deles o havia de entregar: *Amen dico vobis, quia unus vestrum me traditurus est*, diz o evangelista, que muito tristes todos com tal notícia, começou cada um a perguntar: *Nunquid ego num, Domine?* Porventura, Senhor, sou eu esse? Pedro, André, João e os demais, exceto Judas, bem sabia cada um de si, que não era o traidor, nem tal coisa lhe passara pelo pensamento; pois por que se não deixam estar muito seguros na boa fé da sua lealdade, mas pondo em dúvida o que não duvidavam, pergunta cada um a Cristo se é ele o traidor: *Nunquid ego*

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

